

Índice

Abreviaturas	9
Prólogo: A esperança nunca desilude	13
Introdução: Os rostos da esperança	21
A força da esperança	24
Ninguém se salva sozinho	28
1. O rosto de uma mulher grávida	31
Por uma primavera de esperança face ao inverno demográfico	33
A família, semente de paz e esperança	37
A defesa da vida e da família	39
A dignidade da mulher	43
Igreja, Santa Sé e mulheres	46
Não à violência contra as mulheres	48
2. O rosto de um pobre	51
Mobilizar a política para mudar a economia	59
Perante mais desigualdade social, maior equidade tributária	60
Peregrinos de esperança: o momento de agir	64
Prisões, um laboratório de esperança	65

Ser peregrinos de esperança nas prisões	68
Pena de morte	69
3. O rosto de um migrante	73
Perante as migrações atuais	75
Por um direito universal de não migrar	78
A integração dos países	80
Acolher, proteger, promover, integrar	85
Crianças migrantes	88
Abrir-se ao outro	91
4. O rosto de um civil durante a guerra	95
O custo da guerra	101
Do desarmamento integral à paz integral	105
Rumo a uma verdadeira paz integral	110
5. O rosto da esperança de um avô com o neto	113
Idosos fortalecidos	124
Jovens destemidos para honrar a memória	126
Um destino de esperança	128
6. A esperança tem sempre um rosto humano	131
Estamos a tempo	131
Diante do surgimento das novas tecnologias	134
Alguns possíveis riscos de falta de regulamentação	137
A esperança tem sempre um rosto humano	143
Nota do editor	147

Abreviaturas

Incluem-se nesta lista abreviaturas e referências completas dos documentos do Papa Francisco, de outros pontífices e da Igreja Católica que são citados no texto.

AL FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Santo Padre Francisco aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos, sobre o amor na família, 19 de março de 2016.

Cver Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate* do Sumo Pontífice Bento XVI aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas, a todos os fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, 29 de junho de 2009.

CIC, *Catecismo da Igreja Católica*, 1992.

CV FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit* do Santo Padre Francisco aos jovens e a todo o Povo de Deus, 25 de março de 2019.

DSI PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 2 de abril de 2004.

PAPA FRANCISCO

EG FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero e às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 24 de novembro de 2013.

FT FRANCISCO, Carta Encíclica *Fratelli tutti* do Santo Padre Francisco sobre fraternidade e a amizade social, 3 de outubro de 2020.

GD PAULO VI, Exortação Apostólica *Gaudete in Domino*, sobre a alegria cristã, 9 de maio de 1975.

GS CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual, 7 de dezembro de 1965.

LD FRANCISCO, Exortação Apostólica *Laudate Deum* do Santo Padre Francisco a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática, 4 de outubro de 2023.

LS FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato si'* do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum, 24 de maio de 2015.

MM FRANCISCO, Carta Apostólica *Misericordia et misera* do Santo Padre Francisco no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 20 de novembro de 2016.

OA PAULO VI, Carta Apostólica *Octogesima adveniens* de Sua Santidade o Papa Paulo VI ao Senhor Cardeal Maurice Roy, presidente do Conselho para os Leigos e da Pontifícia Comissão Justiça e Paz, por ocasião do 80.º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, 14 de maio de 1971.

PE FRANCISCO, Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo, 19 de março de 2022.

PP PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio* de Sua Santidade Papa Paulo VI aos bispos, sacerdotes, religiosos, fiéis e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento dos povos, 26 de março de 1967.

PT JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Pacem in terris* do Sumo Pontífice Papa João XXIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade, 11 de abril de 1963.

A ESPERANÇA NUNCA DESILUDE

SNC FRANCISCO, *Spes non confundit*, Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025, 9 de maio de 2024.

SSR JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* do Sumo Pontífice João Paulo II pelo vigésimo aniversário da encíclica *Populorum Progressio*, 30 de dezembro de 1987.

SS BENTO XVI, *Spe salvi*, carta encíclica do Sumo Pontífice Bento XVI aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a esperança cristã.

Prólogo

A esperança nunca desilude

Quero convidá-lo a imaginar que estamos juntos num barco no meio do mar. As águas tempestuosas agitam-nos de um lado para o outro e começamos a questionar-nos sobre o que vai acontecer, mas estamos certos de que há algo que não só nos manterá à tona, como também nos guiará através da tempestade. Estamos certos de que voltaremos a ver os rostos dos nossos entes queridos e de que chegaremos à outra margem.

A esperança cristã é algo assim e, por isso, «não desilude» (Romanos 5, 5). É a certeza de algo que já está lá e é a nossa salvação. Vivemo-la no caminho da vida e, no fim, teremos o encontro com Deus.

A esperança é a âncora e é a vela do barco no meio da tempestade. É uma âncora porque é concreta e não difusa e encontra a sua raiz na certeza daquilo que Deus nos prometeu e realizou em Jesus Cristo. É também a vela porque, para além de nos dar segurança, faz com que o barco seja capaz de avançar pelas águas. Assim, para além de nos dar a firmeza da âncora, capta o vento do Espírito Santo, essa força motriz que nos impulsiona a continuar a navegar em mar aberto e a chegar à margem.

Há um grande perigo: confundir esperança com otimismo. Em geral, os meios de comunicação vendem-nos o otimismo. «Tome este comprimido e não engorde», «Siga este caminho e fique rico», ou coisas semelhantes. Isso não é esperança. É preciso ser otimista na vida, sim, mas devemos fazer uma distinção entre otimismo e esperança. O otimismo é uma atitude psicológica, que pode estar presente hoje e amanhã não, mais como um sentimento passageiro de alguém que quer melhorar as coisas com base apenas na sua própria força de vontade¹. Voltemos à imagem do barco: otimismo é pensar que em poucos minutos o mar vai parar de nos balançar, as ondas vão acalmar-se, o Sol vai aparecer e estaremos de novo serenos a caminho do nosso destino. Mas não temos grandes motivos para estarmos otimistas em relação ao clima. Sabemos que a tempestade pode amainar ou não.

Por outro lado, a esperança é a certeza de que avançaremos. É esperar por algo que já está dado, não por algo que queremos que aconteça. É um dom de Deus, é essa virtude que trazemos no coração e que, enraizada na sua promessa, não nos faz perder o rumo. Gosto da imagem da corda: lançamos a âncora na margem e a esperança é como essa corda à qual nos agarramos para lá chegar. No final do século passado, os bispos europeus recordaram-nos com beleza que «o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável.»²

Há alguns séculos, o pintor Brueghel, *o Velho*, deixou-nos uma bela gravura em que a deusa da mitologia romana Spes é vista de pé sobre uma âncora e no meio de um cenário de terríveis adversidades, com personagens que lutam para escapar das ondas do mar, barcos destruídos, um incêndio, detenções. Mas a legenda por baixo da obra reconforta-nos: «A persuasão da esperança é muito agradável e especialmente necessária para a vida, no meio de tantas dificuldades quase insuportáveis.»

¹ Cf. FRANCISCO, Audiência Geral de 26 de abril de 2017.

² Segunda Assembleia Especial para a Europa do Sínodo dos Bispos, Mensagem Final, 1: *L'Osservatore Romano*, edição semanal em espanhol, 29 de outubro de 1999, 10.

Aconteceu-me ter momentos sombrios na minha vida, em que tive de fazer um esforço para confiar em Deus. São momentos obscuros em que por vezes devemos «sacudir» o que está perto de nós, mas é preciso ter cuidado: se sacudimos mal, agarramo-nos a coisas que não ajudam, que nos tiram a grandeza da espera. Há um ditado na minha terra que é muito gráfico em relação a isso e que diz: «Espera até que se esclareça.»

Na Bíblia falamos de vários episódios sobre a esperança, mas há um que gosto de recordar pela sua força: quando São Paulo nos diz que Abraão acreditou «esperando contra toda a esperança» (Romanos 4, 18).

São Pedro escreve que a esperança cristã é «uma herança incorruptível, impoluta e imperecível» (1 Pedro 1, 4). Ela «sustenta o caminho da nossa vida, mesmo quando este se torna tortuoso e difícil; abre-nos horizontes de futuro quando a resignação e o pessimismo querem manter-nos prisioneiros; faz-nos ver o bem possível quando o mal parece prevalecer; incute-nos serenidade quando o coração está angustiado pelo fracasso e pelo pecado; faz-nos sonhar com uma nova Humanidade e dá-nos coragem para construir um mundo fraterno e pacífico, quando parece que não vale a pena comprometer-se».³ É essa virtude que nos dá força para entrar na escuridão de um futuro incerto e caminhar na luz.

Lembro-me de situações que vivi, em particular de uma noite muito escura, em que não conseguia ver a saída. Quando a situação se resolveu, anos depois, foi como uma porta que se abriu para mim. E isso antes não foi aberto porque não era o momento. Assim, aprendi a esperar os tempos de Deus. Às vezes confundimos os tempos com o momento. Pensamos em momentos instantâneos, queremos acelerar o tempo. Mas é importante ter noção do tempo: a esperança vem a seu tempo.

Semear esperança faz de nós bons cristãos. Isto não significa que tenhamos de ir adoçando os ouvidos dos nossos irmãos e irmãs com falsas promessas ou de ir adoçando o que está a acontecer, mas sim

³ FRANCISCO, Homília, Ascensão do Senhor — Apresentação e leitura da Bula de Proclamação do Jubileu 2025 e segunda vésperas, 9 de maio de 2024.

que sejamos chamados a semear óleo e perfume de esperança, nunca vinagre de amargura e desânimo.

Há outra imagem de que gosto: a da esperança como documento de identidade dos cristãos, algo que nos caracteriza e define. É o nosso ADN porque somos filhos de Abraão e da sua esperança. É esse fio que nos conduz à âncora e que é uma fonte vital de alegria. É essa virtude que nos leva a avançar, humilde e simples, mas que também nos faz felizes porque nunca desilude.

A esperança é uma das três virtudes teológicas, assim chamadas porque só podemos vivê-las graças ao dom de Deus, e é a irmã mais nova das outras duas: a fé e a caridade. Podemos imaginá-la a segurar as mãos das duas mais velhas, mas sendo ela quem realmente as impulsiona. É essa humilde virtude que corre debaixo da água da vida, mas que nos sustenta para não nos afogarmos no meio das dificuldades que nos rodeiam. É a mais escondida, mas é quotidiana.

A esperança é a virtude que, no fundo, nos mantém firmes e no caminho, mas temos dificuldade em explicá-la e compreendê-la. Porém, ao mesmo tempo tem um sinal concreto: é a herança do cristão, a que nos faz caminhar «para alguma coisa», como o encontro com Jesus⁴. É uma virtude que nos põe em movimento e nos faz caminhar, porque a vida do cristão está «em tensão». Se um cristão perde esta perspectiva, a sua vida torna-se estática. E as coisas que não se movem corrompem-se. Pensemos na água: quando está estagnada, vai perdendo as suas propriedades e a sua essência até apodrecer. É o que acontece ao cristão que não é capaz de estar em tensão face à outra margem: falta-lhe algo, observa a sua vida e vê-a passar como espectador em vez de se assumir como protagonista. E é muito triste ver esse comportamento entre os jovens! Para esse cristão sem esperança, a vida cristã será uma doutrina filosófica, vivê-la-á assim e até dirá que é fé. Mas sem esperança não é.

A esperança não nos desilude e pede-nos muito pouco em troca. Pede-nos que estejamos abertos ao caminho que percorremos com

⁴ Cf. FRANCISCO, Audiência Geral, 28 de dezembro de 2016.

ela. Penso no amor de um companheiro ou amigo. Essas «plantinhas» que regamos diariamente para as fazer crescer e para as fortalecer. Na Bíblia (Lucas 13:18-21) há também a imagem do fermento em que uma mulher pegou e misturou em três medidas de farinha. Um fermento que não se guarda no frigorífico, mas que é «amassado na vida». É a esperança, que é humilde e nos sustenta, mas mantemo-la viva com cada uma das nossas ações, porque temos a certeza de que ela não nos desilude.

Também precisamos de paciência. Nessa mesma passagem da Bíblia (Lucas 13:18-21), Jesus compara o Reino de Deus com o grão de mostarda lançado no campo. E temos de esperar que cresça, não vamos todos os dias ver como corre: «Tenham esperança e sejam alegres. Sejam pacientes nas provações e rezem sem cessar» (Romanos 12:12). Num mundo em que ter pressa é o mais habitual, «estamos habituados a querer tudo e de imediato», enquanto «já não temos tempo para nos encontrarmos, e muitas vezes até em família se torna difícil reunirmo-nos e falarmos em silêncio. A paciência foi substituída pela pressa, causando sérios danos às pessoas» (SNC, 4). A paciência, que vem do Espírito Santo, «mantém viva a esperança e consolida-a como virtude e estilo de vida» (CNS 4). A paciência não é aguentar, é saber sofrer bem.

A esperança não nos pede apenas paciência; precisamos também da oração para fazê-la crescer. Na Bíblia, há a história do profeta Jonas, que para escapar da tarefa que lhe foi atribuída por Deus em Nínive embarca para Espanha com um grupo de marinheiros. No meio da viagem surge uma tempestade, durante a qual ele adormece e o resto da tripulação, no entanto, sentindo-se perdidos, «começou a invocar cada um o seu deus»: eram pagãos (Jonas 1:5). O capitão do barco acorda Jonas dizendo-lhe: «O que é que estás a fazer aqui a dormir? Levanta-te e invoca o teu deus! Talvez Deus cuide de nós e não pereçamos» (Jonas 1:6). O que é que nos mostra a passagem? Que a reação destes pagãos é a reação precisa à morte, ao perigo, porque é então que o homem tem uma experiência completa da sua própria fragilidade e da sua própria necessidade de salvação. O horror instintivo de morrer revela a necessidade de esperar no Deus da vida. O apelo dos

marinheiros são as palavras de esperança que se convertem em oração, nessa súplica cheia de angústia que lhes sai dos lábios diante do perigo iminente de morte. Essa é a esperança: é Deus que conhece a nossa fraqueza, sabe que nos lembramos d'Ele para pedir ajuda, e com o sorriso indulgente de um pai responde com benevolência.

Na cultura popular ouvimos mais do que uma vez que «enquanto houver vida, há esperança», embora seja uma interpretação contrária à da esperança cristã: no máximo, é a esperança que mantém a vida de pé, que a protege, que a guarda e que a faz crescer. Sem ela a que se agarrar, os homens, talvez, «nunca tivessem saído das cavernas e não teriam deixado um rastro de história no mundo».⁵ O ser humano, «para além do indispensável para a vida, precisa de ter no seu coração uma grande esperança que o ajude a viver bem, lhe dê o prazer e a força para empreender projetos de grande envergadura e lhe permita elevar o olhar para cima e para horizontes mais extensos».⁶

Há duas palavras que estão ligadas à esperança. Uma delas é a *felicidade*. Acho que é coerente. As incoerências, as armadilhas para a vida, querer acelerar o tempo não nos conduzem à felicidade. A felicidade não se possui, vive-se. Qualquer coisa que façamos para possuí-la leva-nos a uma decepção. É preciso estar aberto à felicidade, sim, e procurá-la licitamente, mas não tentar possuí-la.

A outra palavra é *perdão*. Perdoar é um desafio diário que todos temos. Perdoo ou não perdoo. A experiência de ser perdoado ajuda-me muito a perdoar. Não há direito de não perdoar. Se não nos sentimos perdoados, é difícil perdoar. Isso já nos constrói uma série de complexos feios. É difícil, sim, dizermos a nós próprios que coisas das nossas vidas devem ser perdoadas. E isso requer muita verdade e esperança.

Quando penso em esperança, penso também na Igreja e na necessidade de lutar contra tantas coisas que nos desanimam (por exemplo, o clericalismo). Precisamos de uma conversão contínua, com atitudes de serviço e não de domínio; de ouvir sem dogmatizar. O pastor na Igreja

⁵ Cf. FRANCISCO, Audiência Geral, 27 de setembro de 2017.

⁶ FRANCISCO, Encontro com as autoridades, a sociedade civil e com o corpo diplomático, APEC Haus, Port Moresby, Papua-Nova Guiné, 7 de setembro de 2024.

tem de estar no meio do Povo de Deus. Não se trata de reduzir a Igreja a uma multinacional de beneficência: é o Povo de Deus que caminha na presença do Senhor.

Porque a esperança «não desilude», penso nos nossos jovens, nos muitos migrantes que são obrigados a abandonar as suas terras, nas pessoas privadas da sua liberdade, naqueles que sofrem as consequências das guerras, nos milhões de pobres em todo o mundo que têm dificuldade em subsistir, nas mulheres que continuam a lutar em todo o mundo por uma verdadeira igualdade. Em todas as pessoas que, longe de serem estatísticas, são para nós rostos reais sobre os quais irradiar a esperança. Foram eles a minha inspiração neste livro.